

A LÍNGUA INGLESA NA ETFC

Um Projeto em Busca da Competência Comunicativa e da Visão “Cross Cultural”

Cibele Daher Botelho Monteiro – Professora da Escola Técnica Federal de Campos

Resumo

Segundo R. R. Allen, “a comunicação serve para cinco objetivos principais: informar, expressar sentimentos, imaginar, influenciar e satisfazer expectativas sociais”. Ensinar uma língua, portanto, não se resume ao estudo de regras lingüísticas, mas refere-se ao desenvolvimento da competência comunicativa, fator indispensável e que justifica a existência dos códigos lingüísticos. No caso do ensino da língua inglesa em um contexto não-nativo, não podemos deixar também de considerar a visão “Cross Cultural” (do cruzamento entre as culturas) que reforça o pluralismo cultural e lingüístico que hoje reveste esta língua, e também norteia toda a prática realizada pelos professores de inglês da Escola Técnica Federal de Campos.

1. Introdução

Torna-se necessário enfatizar a importância do estudo das línguas estrangeiras em um mundo globalizado, onde as distâncias físicas continuam as mesmas, mas as distâncias comunicativas estão cada vez menores.

Em sendo os códigos lingüísticos um dos instrumentos mais eficazes de comunicação, desnecessário se faz falar de sua relevância para os intercâmbios de caráter cultural, científico e tecnológico. Sem a compreensão e o estudo das línguas estrangeiras, as nações monolíngües se tornariam isoladas, destinadas ao ocaso científico e tecnológico e seriam privadas de enriquecer-se culturalmente. Este cenário se

repetiria no mundo do trabalho, onde a pesquisa e o contato com outros povos se tornam fundamentais, tanto na trajetória para a conquista do emprego, quanto para a sua manutenção.

Mais importante porém do que todos os fatos acima citados é o de que somente através da compreensão e do acesso à vanguarda da ciência e da tecnologia será possível obter hegemonia, e, em uma sociedade cada vez mais competitiva, a comunicação torna-se um fator vital de desenvolvimento e de cidadania.

Dentro deste panorama de valorização do estudo das línguas estrangeiras, vamos nos deter na Língua Inglesa, já que este historicamente foi o idioma ministrado na Escola Técnica Federal de Campos, e uma análise crítica dos aspectos científicos do estudo das línguas se torna importante para que possamos compreender a sua função educativa e emancipadora dentro do currículo.

2. Língua Inglesa - Uma Análise Sociolingüística

Muito se tem discutido quanto à reprodução através do ensino de Inglês de valores socioculturais que não nos pertencem e até mesmo da dominação imposta pelos países hegemônicos falantes nativos desta língua. Já há algum tempo, no entanto, compreendíamos, através do estudo da evolução da sua difusão cultural, haver uma mudança no papel da Língua Inglesa. Segundo Peter Strevens, “a língua inglesa deixa de ser um instrumento de subserviência, passando a significar uma janela aberta para o mundo da ciência e da tecnologia”. Para justificar tal afirmação, podemos citar alguns exemplos

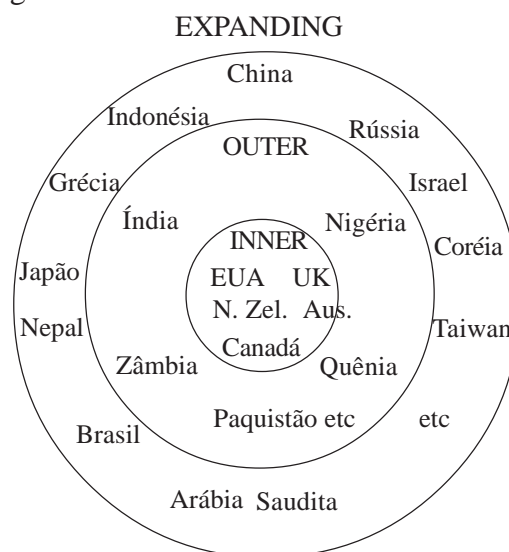
como o Acordo Internacional para adotar o inglês no Tráfego Aéreo; as Nações Unidas que estabeleceram o uso do inglês em inúmeros serviços de ajuda e de administração, e a utilização desta língua também pelos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, revistas e jornais), pela “pop music”, na ciência espacial e na computação.

Em face desta diversidade de usos, pretendemos destacar dois fenômenos presentes na difusão global do inglês: a “Englishization” de outras línguas e a “Nativização” do inglês, que vêm comprovar a existência hoje não propriamente da dominação através de uma língua, mas sim de uma troca constante e mútua e de um pluralismo cultural onde as influências se misturam. Braj. B. Kachru, em seu artigo denominado “Standards, codification and sociolinguistic realism”, diz que: “Ao contrário do Inglês de ontem que tinha regras linguísticas aceitáveis universalmente e que era usado principalmente em contextos nativos que tinham o controle da língua, o Inglês de hoje é usado numa variedade de contextos globais, rompendo com os padrões aceitos universalmente, tendo havido principalmente após o Período Colonial um descontrole da língua, o que significa dizer que ela deixou de ser somente dos nativos e passou a ser de todos os povos que a utilizam, independente de nacionalidade.”

Considerando estes aspectos sociolinguísticos da língua em um contexto internacional, Kachru classifica a difusão do Inglês no mundo ou os “World Englishes” em três círculos concêntricos: O “Inner Circle”, que refere-se às bases tradicionais, ou seja, aos contextos nativos dos Estados Unidos da América (população de 234 249 000 habitantes), Reino Unido (população de 56 124 000 habitantes), Canadá (pop. de 24 907 000 habitantes), Austrália (pop. de 15 265 000 habitantes) e Nova Zelândia (pop. de 3 500 000 habitantes); O “Outer Circle”, que refere-se à primeira difusão do inglês e à sua institucionalização em contextos não-nativos, sendo usado como língua intranacional e

internacional em países como a Nigéria, Serra Leoa, Libéria, Gana, Camarões, Sudão, Etiópia, Uganda, Quênia, Tanzânia, Zâmbia, Botswana, Namíbia, África do Sul, Paquistão, Srilanka, Índia, Bengala, Birmânia, Filipinas, Bornéu, etc; e, por último o “Expanding Circle”, que refere-se a regiões geográficas que não têm uma história de colonização pelos nativos pertencentes ao “Inner Circle”, mas que é formado por um grande número de países em desenvolvimento que usam o inglês devido à modernização da tecnologia e à globalização da economia. É neste círculo de expansão que podemos afirmar que o Inglês torna-se apolítico, sendo usado em regiões completamente diferentes em crenças, religião, padrões culturais e sistemas políticos, dos contextos em que ele aparece como língua nativa. A China, Rússia, Indonésia, Grécia, Israel, Japão, Coreia, Nepal, Arábia Saudita, Taiwan e Brasil são alguns países que exemplificam este círculo.

Três círculos concêntricos dos “World Englishes”:



O rótulo Inglês pode ser aplicado a muitas formas de linguagem: Inglês Americano, Inglês Britânico, Inglês Indiano, Inglês Australiano, Inglês Sul-Africano, etc. .

Um outro ponto importante a ser considerado é que a tendência da visão “Cross Cultural”, ou seja, do cruzamento entre as culturas, ressaltando o que há de comum entre elas, por que elas se relacionam e quais as implicações sociais, econômicas e linguísticas

de tal entrelaçamento, reforça nos alunos a sua consciência de estar no mundo. Mais do que isso, ultrapassa o estar e atinge o compreender-se no mundo, para, de maneira crítica e compromissada, superar os obstáculos introduzidos pelas culturas ditas dominantes, socializando este saber e trazendo para si os frutos desta integração. A discussão destes aspectos, bem como o seu estudo e entendimento, foi a solução encontrada para transpor a barreira que faz do ensino de inglês uma disciplina fechada em si mesma e chegar a uma concepção crítica, ajudando nossos alunos a emanciparem-se, tornando-os cidadãos em sua totalidade.

3. Reflexões em Busca da Competência Comunicativa

A difusão global do inglês juntamente com o avanço científico e tecnológico, a utilização dos microcomputadores e a comunicação, através de redes como a Internet, impuseram a compreensão de uma nova realidade ao ensino das línguas e ao mesmo tempo nos levaram a um pensar crítico sobre a sua utilidade para os alunos, a “performance” necessária ao final dos estudos e também o nível de competência requerido diante deste cenário.

Apesar do grande número de vocábulos emprestados do inglês, hoje usados livremente em nosso dia a dia, convivemos com o fato de o Brasil não ser um país bilíngüe e para grande parte da população, especialmente aquela de baixo poder aquisitivo, o inglês é considerado uma língua cara e difícil.

Por outro lado, o nível de competência desejável atualmente pelas razões já anteriormente discutidas, ultrapassa em muito a tradicional metodologia da gramática e da tradução, com ênfase em memorização de regras a serem posteriormente aplicadas. Também não se trata mais de ensinar a língua como uma mera imitação e repetição (através de “Drills”), que era o que propunha a Abordagem Estrutural cuja fundamentação se baseava na psicologia behaviorista. O mundo moderno e da era da informação exige pessoas

capazes de se comunicarem efetivamente, e, para isto, é necessário uma ação e uma interação com este mundo. É o que vamos chamar de Competência Comunicativa (Hymes, 1966). Hymes dizia que “há regras de uso, sem as quais as regras de gramática se tornam inúteis”.

À luz destes estudos e destas reflexões, a equipe de professores de língua inglesa da Escola Técnica Federal de Campos procurou reestruturar a sua prática, voltando-se para o objetivo maior de tornar o ensino de inglês mais democrático e comunicativo, mais autêntico, real, útil e prazeroso para os alunos, procurando também oferecer uma visão plural dos vários contextos em que é possível encontrar a língua sendo usada.

4. 1997, Um Ano de Mudanças

A língua inglesa na ETFC era ministrada em apenas uma série, perfazendo um total de 90h/a, em um ano letivo de trinta semanas. Este fato impossibilitava um trabalho mais consistente e que desenvolvesse eficazmente a competência comunicativa no aluno. As turmas eram também muito grandes para um ensino mais personalizado, surgindo daí a opção pela abordagem instrumental com ênfase na leitura de textos. É importante lembrar que, mesmo com estas dificuldades, já tínhamos em mente que submeter o aluno à língua, fazendo-o ter contato com os mais diversos tipos de leitura, era muito mais produtivo e real do que ensinar apenas gramática e tradução.

Em 1997, com a conquista da nova carga horária, de 240 h/a, em um ano letivo de quarenta semanas, em duas séries, com a divisão das turmas para as aulas cuja ênfase era a prática oral, e a criação de mais uma sala-ambiente para este fim, pudemos pensar o novo, construindo uma realidade diferente para os alunos, embora estando em um universo de escola pública.

Passamos então a desenvolver um trabalho priorizando três habilidades principais da língua - ouvir, falar e ler. Das 120 h/a anuais, oitenta horas são destinadas ao estudo das estratégias de leitura e à compreensão de

textos, de modo que o aluno ao final do curso seja capaz de ler e compreender em inglês, e, além disso, que ele aprenda a ser seletivo, tendo capacidade de continuar seus estudos com autonomia. Os textos usados são reais e não temos a preocupação de ensinar regras que nem sempre correspondem ao uso autêntico da língua. A leitura é vista como uma ferramenta de trabalho, tanto durante o curso quanto depois, em sua vida futura. As 40h/a restantes são usadas de modo que o aluno seja capaz de compreender o inglês falado e também para a prática de estruturas orais. A ênfase nesta etapa é o inglês específico para trabalho e viagem, em que os conteúdos têm uma função e representam situações do tipo: "Pedindo informações", "Como fazer contato", "Fazendo preparativos" "Tomando decisões", "O mundo do trabalho", "Uma viagem ao estrangeiro", etc.. Nestas aulas, é usada a metodologia audio-oral em que os alunos ouvem a fita das lições, interagem na sala de aula com os colegas e com o professor. Usamos também um vídeo com situações semelhantes às apresentadas.

Para além das mudanças de carga horária e metodológicas, no entanto, está um outro fator que em muito tem contribuído para alterar a postura do aluno frente ao aprendizado da língua: A passagem da Motivação Instrumental para a Motivação Integrativa. Bárbara Mayor, da Open University diz que "a motivação instrumental implica que o aprendiz tem razões utilitárias para desejar aprender uma língua, tais como fazer contatos de negócios, ter habilidade para ler textos científicos ou passar numa prova. A motivação integrativa, por outro lado, implica que o aprendiz deseja de alguma maneira penetrar na cultura da língua-alvo. Em geral, as atitudes dos aprendizes com relação a falantes da língua-alvo serão um fator determinante em sua motivação e também em sua perseverança ao aprender a língua". Neste aspecto, toda a equipe de professores tem se esforçado, seja simplesmente transmitindo ou solicitando pesquisas que relatem as experiências culturais dos países estrangeiros relacionados, seja através de músicas e de

filmes, ótimos recursos para se compreender a diversidade cultural e lingüística tanto dos contextos nativos quanto dos não-nativos.

É importante ainda citar que dois projetos especiais estão sendo desenvolvidos neste ano de 1997: "The Movie-Club Project" e "The Guide Project", ambos com o objetivo de aumentar o tempo de contato do aluno com a língua e a sua respectiva cultura.

1. "THE MOVIE-CLUB PROJECT"

Este projeto consiste em exibir filmes que ajudem a mostrar a diversidade cultural dentro da visão "Cross-Cultural" hoje existente em relação aos países falantes do inglês. Também temos como objetivos despertar a consciência crítica sobre as histórias enfocadas, bem como levar os alunos a observarem as expressões mais importantes usadas nos filmes, além de oferecer-lhes mais tempo de imersão no inglês real, em um contexto lingüístico e comunicativo mais amplo. Os filmes são projetados em telão e é importante dizer que isto em muito motivou os alunos, que compareceram lotando todas as sessões.

Os filmes apresentados foram: enfocando a Escócia, "Braveheart"(Coração Valente); Irlanda, "In the name of the father"(Em nome do pai); Índia, "Gandhi"; Estados Unidos da América, "Forrest Gump" (O contador de histórias); África do Sul, "O poder de um jovem".

2. "THE GUIDE PROJECT"

O "Guide Project" foi idealizado dentro da mesma ótica de despertar nos alunos a motivação integrativa, através de uma metodologia que se aproxime o mais possível da aquisição da língua, ampliando o contato e possibilitando horas a mais de auto-estudo.

O projeto consiste na utilização de alunos monitores, os "Guide Students", que orientam os demais colegas a usarem computadores multimídia com CD ROMs apropriados à aprendizagem de Inglês.

Esta é mais uma oportunidade, além das aulas, de se estudar de modo interativo, podendo o aluno administrar a sua

aprendizagem da maneira que lhe for mais produtiva e confortável.

5. Conclusão

Finalizando, é importante destacar que temos procurado com nossa prática aproximarmo-nos o mais possível da aprendizagem da língua como uma Aquisição. A distinção entre uma língua que é adquirida cotidianamente, vivendo-se em um país onde a língua seja falada e uma língua estrangeira que é estudada para fins culturais ou para uso mais especializado, parece ser a ênfase inevitável nas habilidades comunicativas do mundo externo. Estaremos verdadeiramente adquirindo uma língua se a estivermos usando para a sua finalidade que é a comunicação.

Este é o nosso maior objetivo, fazer os alunos perceberem que a língua que estudam é algo vivo, dinâmico, feito para ser desempenhado, ouvido, usado, e não um conjunto de regras esvaziado, descontextualizado e sem sentido.

Queremos também ultrapassar os limites do convencional, do corriqueiro, pois são muitos os espaços do aprender. Na verdade, em se tratando de língua estrangeira, estes espaços estão em todas as oportunidades que surgem de interação com os contextos nativos e não nativos, sejam estas dentro ou fora da escola, com ou sem o professor. Na verdade, é preciso ajudar os nossos alunos a descobrirem e a tirarem proveito destas oportunidades. Para além do livro didático, para além da sala de aula convencional.

Uma outra observação significativa é que a difusão do uso do inglês o torna uma língua internacional, o que não quer dizer, porém, que todos em todos os lugares logo estarão falando inglês, usando “jeans” e dançando ao som de discoteca. É importante lembrar que a difusão do inglês não é um fator homogeneizador, que faz com que as diferenças culturais desapareçam. Ao contrário, o seu uso oferece um meio de expressão e de explicação destas diferenças. Não há um desejo entre os membros da comunidade mundial, quando usam o inglês, de tornarem-se mais parecidos com os falantes

nativos em seu estilo de vida. Por outro lado, os falantes nativos têm que compreender que há muitas variedades válidas de inglês e que os falantes não-nativos não necessitam imitar ou agir como americanos e britânicos ou qualquer outro grupo de falantes nativos para serem efetivos usuários do inglês. O inglês está sendo usado como língua internacional em diplomacia, comércio internacional e turismo. Os falantes nativos precisam da mesma ajuda que os não-nativos, quando usam o inglês para interagir internacionalmente. Não há, portanto, espaço para autoritarismo lingüístico ou cultural.

Referências Bibliográficas

- 1- KACHRU, Braj B. Standards, Codification and Sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. The English Language in a Global Context. (mimeografado).
2. STREVENS, Peter. English as an International Language. In: _____. English Teaching Forum, 1987.
3. ALLEN, R.R. Communication Arts and Curriculum and Instruction. In: _____. Compton's Interactive Encyclopedia. 1996.
4. OPEN UNIVERSITY. Bilingualism and Second Language Learning. In: _____. Communication and Education. Unit 13.